NA REDE DE ARTICULAÇÃO E COLABORAÇÃO EM ECOSSOCIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA NEcos E SSEETU

Maria de Fátima Araújo Frazão
Universidade do Estado da Bahia
fathima.frazao@gmail.com

Carlos Alberto Cioce Sampaio
Fundação Universidade Regional de Blumenau
carlos.cioce@gmail.com

Francisca de Paula Santos da Silva
Universidade do Estado da Bahia
fcapaula@gmail.com

Luciane Cristina Ribeiro dos Santos
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
lu.ribeirocrs@hotmail.com

RESUMO

Produzir conhecimento científico de forma colaborativa propicia constituir espaços de socialização e articulação de interesses conjuntos em pesquisar, dialogar, trocar experiências e partilhar recursos. Nesse contexto, surge a colaboração científica, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, voltada a produção de conhecimento, propiciando desenvolver a pesquisa em rede contando com o esforço e articulação de pesquisadores em diferentes contextos institucionais visando a produção de conhecimento e inovação. Com o objetivo de demonstrar a pesquisa em rede em contexto variado sobre conhecimento específico, foi desenvolvida esta investigação e, especificamente, conhecer aspectos históricos e evolutivos da colaboração científica e da formação de pesquisadores – condições, características e tipologias; descrever as práticas investigativas e colaborativas de grupos de pesquisa que operam em rede, delimitado ao percurso trilhado pelo Núcleo de Ecossocioeconomia, o NEcos, vinculado à Universidade Federal do Paraná, e pelo Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo, o SSEETU, à Universidade do Estado da Bahia. Esse estudo demonstrativo e exploratório refere-se às contribuições das pesquisas em rede que vem sendo desenvolvidas pelo NEcos e o SSEETU, entre 2016 e 2018, acerca de temas de interesse comum e convergentes às suas linhas de pesquisa: Ecossocioeconomia e Turismo de Base Comunitária. As primeiras trilhas dessa aventura científica decorrentes dos estudos e das articulações destes grupos, revela a experiência de pesquisa colaborativa, respeitadas as individualidades e a diversidade de contextos, fortalecimento do sentimento de pertencimento, respeito e confiança entre os pares.

Palavras-chave: Pesquisa em rede. Ecossocioeconomia. Turismo de Base Comunitária

1 INTRODUÇÃO

A ciência desempenha papel primordial no desenvolvimento de uma sociedade e a produção de conhecimento fundamentada na colaboração científica é prática que envolve

propósitos comuns, esforços em conjunto e resultados projetados por meio dos quais os participantes compartilham responsabilidades, no sentido de construção coletiva.

A colaboração científica é fato que se explica pela possibilidade de pesquisadores "alcançar um conhecimento científico mais abrangente e mais profundo de um problema que decidem investigar" (FARIAS et al., 2018, p. 15), compartilhar recursos e esforços, por interesses coletivos, superar limitações de investimento e de contextos diversos entre outros desafios.

Nesse sentido, em países que compõem o bloco econômico central, formado pela Europa Ocidental, EUA e Japão, os investimentos em pesquisas representam em média 3% do Produto Interno Bruto (EXAME, 2016) e existem mecanismos de cooperação científica com aporte de capital privado. Nos países da América Latina, por várias razões que vão desde dificuldades financeiras até dependência tecnológica, os investimentos em pesquisas são incipientes e se estabelecer redes de pesquisa representa desafio. No Brasil, o investimento em pesquisa, no ano de 2014, investiu-se 1,27% do Produto Interno Bruto (REVISTA FAPESP, 2018).

A colaboração científica pode assumir formatos variados, motivações diversas e alcançar níveis distintos de conhecimento, sejam substanciais ou não, resultar em constituição de redes de atividades de pesquisa ativas e contínuas com efetivo impacto.

Assim sendo, emergem alguns questionamentos: Como a colaboração científica e redes de pesquisa se constituem nos aspectos espaço-tempo na perspectiva da produção de conhecimento? Como os grupos de pesquisa se articulam para produzir conhecimento, atuando em rede? É possível que, em contextos diversos e sob temáticas convergentes a articulação e colaboração contribuam para a pesquisa em rede?

No que concerne a esse artigo, não se discorrerá sobre o aporte privado de investimentos nem os mecanismos de avaliação e produtividade de conhecimento científico visto que está delimitado a formação e articulação de dois grupos de pesquisa acadêmicos que estão desenvolvendo atividades em rede com finalidade de produzir conhecimento, conectando pessoas e instituições de ensino interessadas em compartilhar recursos e competências.

Nessa direção, objetiva-se descrever a constituição e produção da pesquisa em rede que nasceu de forma "espontânea" entre os cooperantes líderes de dois grupos: o Núcleo de Ecossocioeconomia - NEcos, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento e Desenvolvimento Territorial e Sustentável da Universidade Federal do Paraná e o grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa Sociedade, Espaço,

Educação e Turismo – SSEETU, vinculado do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia.

Para alcançar o objetivo principal, os objetivos específicos consistem em: compreender a fundamentação teórica da pesquisa em rede; descrever o processo de estruturação e articulação da pesquisa em rede do NECos e SSEETU; apontar os resultados obtidos pelo trabalho e colaboração da pesquisa em rede realizadas por esses grupos.

A pesquisa é de natureza teórico-empírica, com abordagem qualitativa e descritiva, por meio da pesquisa documental e a aplicação de entrevista semiestruturada com a escolha intencional de pesquisadores que integram os grupos de pesquisa NECos e SSEETU no espaço temporal de três anos (2016-2018), tratando-se, portanto, de um estudo longitudinal, de modo a conhecer as motivações dos participantes. As pesquisas realizadas pelos participantes desta rede têm como premissa a produção colaborativa e coletiva, de abrangência nacional, em duas regiões geográficas, a saber, Paraná e Bahia, e, posterior ampliação para atuar na América Latina.

O estudo em tela revela a experiência colaborativa, constituída a partir do esforço e empenho dos pesquisadores e das atividades desenvolvidas nessa interação, respeitadas as individualidades e a diversidade de contextos, demonstra o fortalecimento do sentimento de pertencimento, respeito e confiança dos integrantes da rede formada pelos grupos NEcos e SSEETU na produção de conhecimento científico e realização dos objetivos de compartilhar informações, conhecimento e recursos humanos para executar pesquisas.

2 APORTES TEÓRICOS DA ARTICULAÇÃO E COLABORAÇÃO EM REDE

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E EVOLUTIVOS

Apresentam-se aspectos teóricos-conceituais, breve histórico e cronologia, sob diferentes perspectivas e motivações, o estudo da colaboração e formação de redes de pesquisa, temas que vem despertando o interesse da comunidade científica em compreender esses fenômenos e sua relação com a ciência.

A colaboração científica é percussora na construção do conhecimento, aquele obtido pelo esforço e trabalho dos pesquisadores e por suas atividades agregadoras constituídas na interação entre eles e a produção coletiva. A colaboração pode ocorrer entre indivíduos, grupos, instituições e setores, nas mais variadas formas e combinações dessas unidades, em mesma nação ou em nações diferentes (KATZ; MARTIN, 1997).

De acordo com relato de Beaver e Rosen (1978, 1979), os indícios de colaboração cientifica remetem ao ano de 1665 com a produção de artigo em co-autoria atribuída a Hone, Oldenburg, Cassini e Boyle.

A década de 60 marca o início dos estudos da colaboração científica e a investigação sobre comunidades informais de cientistas, que se comunicavam e se reuniam com frequência para trocar experiências e informações, conforme enunciado nos estudos de Solla Price (1976). Defensor da coautoria entre pesquisadores, evidenciou o papel relevante destas comunidades, tenho instituído o termo "colégios ocultos" (*invisible colleges*), salientado a contribuição na disseminação dos avanços no campo do conhecimento científico (SOLLA PRICE, 1976).

Em relação a coautoria e ao grau de cooperação em áreas do conhecimento, destaque para estudos realizados na década de 1970 sobre estes aspectos: Storer (1970) destaca que a cooperação varia nas diferentes áreas do conhecimento e evidenciou que as ciências básicas e naturais cooperam mais do que as ciências sociais aplicadas por conta das especificidades cognitivas e de organização; Frame e Carpenter (1979) reportam a coautoria como indicativo de fortalecimento da colaboração científica.

Na década de 1980 surgem questionamentos acerca de mecanismos para detectar a ocorrências, o escopo, o impacto e a motivações, dada a variedade de critérios para definir o significado da colaboração científica. Neste sentido, Stefaniak (1983) aborda esses questionamentos evidenciando que, a depender do país, grupo de pesquisa e pessoas existem tradições e critérios pertinentes a coautoria e a colaboração.

A partir da década de 1990, há um incremento na interação entre pesquisadores e crescimento de coautorias internacionais, a este crescimento Glänzel e Schubert (2004) dizem ser reflexo da globalização da pesquisa científica e de avanços nas tecnologias da informação e comunicação que propiciam aproximação da colaboração científica.

Com o passar dos anos as redes de colaboração científica foram se consolidando e passaram a ter relação direta com o crescimento do conhecimento científico e das comunidades de pesquisa em rede. Nesta perspectiva, Weisz e Roco (1996) argumentam que uma rede de pesquisa pode ser definida como uma organização constituída por diferentes indivíduos ou grupos ligados entre si por vínculos de naturezas diversas com propósito de produzir conhecimento científico.

As motivações que conduzem à colaboração científica são as mais diversas e Balancieri (2004) destaca aquelas que julga serem mais óbvias: necessidade de apoio especializado, visando atingir os objetivos científicos, trabalhar próximo a outro, adquirindo

novas habilidades e conhecimento. A partir da sistematização da literatura nacional e internacional acerca dos motivos para a colaboração científica, propõe-se um quadro síntese com alguns fatores que contribuem para essa colaboração, apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Fatores que contribuem para motivação em colaboração científica

Fator	**Descrição**
Reconhecimento pelos pares	O desejo em aumentar sua visibilidade e, por conseguinte, o reconhecimento pelos pares (LAWANI, 1986; PRAVDIC; OLUIC-VUKOVIC, 1986; NARIN; WHITLOW, 1991). Agrupados em cognitivos, econômicos e sociais esses fatores têm importância relativizada para explicar frequências de colaboração observadas nas diferentes áreas do conhecimento e nos diferentes países (LUUKONEN et al., 1992).
Produtividade e colaboração	Alta produtividade em publicação é de fato correlato aos altos níveis de colaboração e a freqüência de colaboração entre autores. A natureza do efeito sobre produtividade depende do tipo de ligação – os de alta produtividade tendem a aumentar a produtividade pessoal; colaborações com pesquisadores de baixa produtividade tendem a diminuir a colaboração pessoal (KATZ; MARTIN, 1997.
Colaboração especializada de outrem	A contribuição especializada de outrem para alcançar os objetivos da pesquisa e a necessidade de se trabalhar próximo para adquirir novas habilidades e conhecimento tácito são relevantes (BEAVER; ROSEN, 1979).
Quantidade de colaboradores inspira maior confiança	O número de coautores também parece ser fortemente correlacionado com o impacto de um artigo. Goffman e Warren (1980) demostram que pesquisas por grandes grupos tendem a ter mais influência; e Narin e Whitlow (1990) encontraram evidências de que artigos de coautoria internacional são citados duas vezes mais do que um artigo de um único país
Interdisciplinaridade	Avanços científicos surgiram da integração ou fusão dos campos anteriormente separados (KODAMA, 1992 e o aumento de campos interdisciplinares nas pesquisas apontam para estas tendências.
Nível de especialização	O aumento da necessidade de especialização dentro de certos campos, especialmente, nos mais complexos, é preciso agregar as expertises de cada área, pois um único indivíduo não poderia desenvolver todas as tarefas específicas (PRICE, 1963, 1966)
Compartilhamento de recursos.	Dado que recursos são cada vez mais caros e complexos, e pelos novos padrões de financiamento adotados pelas agências (KATZ, 1994), compartilhar informação e recursos são fundamentais; para grupos de pesquisa multi-institucionais.

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

No Brasil, as universidades desempenham papel fundamental na produção científica e o incentivo aos membros da comunidade acadêmica a desenvolver e incrementar suas pesquisas são alicerçadas nas exigências das agências de avaliação e fomento da pesquisa científica, a exemplo da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq) e fundações estaduais. Em termos de cooperação internacional, a pesquisa em rede de

colaboração passou a ser induzida nos programas de pós-graduação que oferecem cursos de doutorado, sendo indicativo de qualidade.

Em relação a esta sistemática, Leite (2014, p. 292) diz ser necessária mais clareza e objetividade pois "ainda não temos uma política pública de avaliação que dê conta do trabalho em pesquisa em redes de colaboração, não são escrutinadas as formas de atuação, relações e interações dentro dos grupos de investigação."

O CNPq desenvolveu a Plataforma Lattes para integrar os sistemas de informações das agências federais e gerenciar investimentos em Ciência de Tecnologia, por meio de bases de dados, sistemas de informação, diretórios de serviços, entre outros, compartilhados por gestores, técnicos de governo, comunidade científica e sociedade em geral (PACHECO, 2003).

Nesta Plataforma estão registradas currículos com informações sobre a atividade profissional dos usuários cadastrados; instituições ligadas a Ciência e Tecnologia que representam local de lotação profissional ou de pesquisa, ou representando atores institucionais que interagem com CNPq; grupos de pesquisa com informações referentes aos indivíduos envolvidos permanentemente em pesquisa, organizados hierarquicamente, de acordo com experiência e liderança na área científica ou tecnológica em que atuam, em torno de linhas comuns de pesquisa, compartilhando instalações e equipamentos; projetos de pesquisa com descrição das atividades de pesquisa e extensão, realizada por um pesquisador ou por equipe de pesquisa, sobre tema/objeto específico, objetivos, metodologia e duração (PACHECO, 2003).

No Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), desenvolvido pelo CNPq estão alocadas bases de dados que contêm informações sobre os grupos de pesquisa em atividade, instituições aos quais estão vinculados, membros, especialidades do conhecimento e da atuação, linhas de pesquisa, entre outros (DGP, 2018, s/d).

De acordo com o CNPq, redes de pesquisa "visam impulsionar a criação do conhecimento e o processo de inovação resultantes do intercâmbio de informações e, sobretudo, da junção de competências de grupos que unem esforços na busca de metas comuns, podendo ou não haver compartilhamento de instalações" (CNPq, 2018, s/d).

Faz-se necessário informar a definição e o termo que se adota nesse estudo, denomina-se pesquisa em rede aquela realizada por grupo de pesquisa certificado pelo CNPq, registado no DGP, formado por pesquisadores integrantes desses grupos com o objetivo de produzir conhecimento científico por meio da realização de pesquisas, compartilhamento e

troca de informações e recursos, respeitadas as individualidades e a diversidade de contextos, fortalecendo o sentimento de pertençam e confiança entre os integrantes.

Neste sentido, vale destacar que as práticas investigativas colaborativas que vem sendo realizadas pelos grupos NEcos e SSEETU, prioritariamente, visam aprofundar diálogos teórico-metodológicos e promover avanços no estudo dos temas de interesse dos grupos, a Ecossocioeconomia e o Turismo de Base Comunitária conforme suas linhas de pesquisa.

No próximo item conceitua-se Ecossocioeconomia e Turismo de Base Comunitária, explicitando os fundamentos teóricos, as interrelações subjacentes a estes temas comuns ao objetivo da produção de conhecimento dos grupos NECoS e o SSEETU.

2.2 ECOSSOCIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

As primeiras discussões acerca da ecossocioeconomia são creditadas a Karl William Kapp (1963) nos seus estudos sobre as relações economia capitalista com o meio ambiente, propondo buscar o equilíbrio entre esses fatores no contexto do desenvolvimento.

Nesta mesma linha, Sachs considerando os aspectos social, ecológico e econômico com destaque especial ao desenvolvimento local pelas pequenas iniciativas articulados e agrupados, fundamenta a discussão sobre a ecossocioeconomia pelo viés do ecodesenvolvimento (SACHS, 2006) e a necessidade de mudança no estilo de vida da sociedade privilegiando mais os processos participativos em termos de planejamento e gestão guiados por princípios éticos, bem como a "promoção da autoconfiança (*self-reliance*) das populações envolvendo vidas e cultivo da prudência ecológica" (SACHS, 2007, p.12).

O ecodesenvolvimento é uma concepção que precedeu a de desenvolvimento sustentável, e que atualmente vem sendo chamado de desenvolvimento territorial sustentável, no qual o território é o espaço concreto de experimentações criativas para soluções de problemas (SACHS, 2007; SAMPAIO, 2010).

A lógica da ecossocioeconomia fundamenta-se na promoção da sustentabilidade dos modos de vida das comunidades, nas aprendizagens socioeconômicas e ambientais relativas a experimentações, que, muitas vezes, limita-se aos territórios, nas comunidades, nos povoados, nas organizações, onde problemas e soluções ocorrem e raramente são devidamente qualificados e visibilizados (SAMPAIO et al., 2008).

Nesta perspectiva, a ecossocioeconomia traz evidências "para tratar dos aprendizados apontados por iniciativas populares" (SANTOS; SAMPAIO; SILVA, 2016, p.

66) e oportuniza “dar respostas a problemas por eles próprios apontados, conservando padrões de economia territorial” (SANTOS; SAMPAIO; SILVA, 2016, p. 68).

A ecossocioeconomia organizacional, caracteriza-se por três modalidades de agir: i) extraorganizacional: que releva na ação organizacional o impacto da decisão sobre o entorno territorial; ii) interorganizacional: que espacializa e temporaliza a organização dentro de um arranjo sociopolítico e socioeconômico e; iii) extrarracional: que valoriza a dimensão tácita do conhecimento dos atores envolvidos no dado território (SAMPAIO, 2010).

As experiências ecossocioeconômicas se destacam nas suas diferentes modalidades, sendo elas: turismo de base comunitária, economia solidária, movimento *slow*, ecovilas, gestão de unidades de conservação, entre outras (SAMPAIO, 2010). Vale ressaltar que neste estudo a ênfase é a modalidade ecossocioeconômica de turismo de base comunitária, por este motivo, as demais modalidades não serão abordadas.

O turismo de base comunitária se contrapõe a turismo convencional e tem sua centralidade no desenvolvimento local, no que tange ao respeito pelas heranças culturais e tradições locais, a participação da comunidade local no processo turístico, a conservação do patrimônio natural e cultural (CORIOLANO, 2003; IRVING, 2002; SILVA, 2016).

A participação das populações locais no processo de planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos, é elemento crucial para a sustentabilidade das atividades propostas, bem como o patrimônio natural e cultural. Neste sentido, a gestão democrática e participativa da prática turística necessita do comprometimento da comunidade no sentido de continuidade da atividade turística e representa um desafio pois requer processo contínuo de aprendizagem.

Entre os principais atrativos do turismo de base comunitária são os modos de vida da comunidade local, “a sua memória social, cultural e histórica enriquecida pelos saberes, sabores e fazeres comunitários como a histórica oral, legado histórico, heranças culturais, origens do bairro, conhecimento popular, comidas típicas” entre outras (SILVA; SÁ, 2012, p. 13). Dessa forma, os serviços prestados pela comunidade relacionado as práticas do turismo de base comunitária privilegiam a cultura local, respeita o meio ambiente e utiliza a prática do preço justo pelos serviços prestados, contribuindo para com a ecossocioeconomia e ao desenvolvimento territorial sustentável.

Após situar aspectos teóricos relativos aos temas pesquisados, apresentamos os grupos de pesquisa, seu surgimento, linhas de pesquisa e características.

2. 3 TECENDO A PESQUISA EM REDE NO NEcos E SSEETU

A pesquisa em rede surgiu de forma “espontânea” pelo interesse entre os líderes de dois grupos de pesquisa em torno de temas comuns: o NEcos é vinculado aos Programas de Pós-Graduação (PPG) em Meio Ambiente e Desenvolvimento e Desenvolvimento Territorial e Sustentável da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tem na Ecossocioeconomia como eixo central das pesquisas. O grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa Sociedade, Espaço, Educação e Turismo – SSEETU, vinculado do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia enfatiza o Turismo de Base Comunitária, experiência ecossocioeconômica nas comunidades no entorno na UNEB.

A cooperação em torno de temas comuns, o interesse em ampliar relacionamento, compartilhar recursos e capacidades diversas representam motivações para os grupos de pesquisa NEcos e SSEETU.

O NEcos foi criado em 2010 pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Cioce Sampaio e tem por objetivo compreender sobretudo o esforço empírico e metodológico de experiências que possuem elementos para estabelecer uma transitoriedade entre o decadente e o novo paradigma, que se constitui em torno do Bem Viver. Inspirou-se a partir da participação junto ao Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento (NMD), coordenado pelo Prof. Paulo Freire Vieira, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, criado em 1987, e posteriormente do Núcleo de Políticas Públicas (NPP) do PPG em Desenvolvimento Regional/FURB, originado em 2001, na qual foi um dos seus fundadores e coordena até hoje em parceria com o Prof. Oklinger Mantovaneli Jr.

O termo ecossocioeconomia foi inspirado a partir de um livro de Karl W. Kapp, custos sociais da empresa, publicado na década de 40, e na obra de Ignacy Sachs e de Manfred Max-Neef. As linhas de pesquisa do NEcos são Economia solidária. Ecossocioeconomia, Educação Ambiental, interdisciplinaridade, mudanças climáticas, planejamento urbano e regional, slow city, slow food, turismo de base comunitária (NECOS, 2018).

O Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa Sociedade, Espaço, Educação e Turismo – SSEETU, foi criado em 2005, sendo composto por voluntários, discentes, docentes e pesquisadores que atuam projetos de pesquisa e extensão em cinco linhas de pesquisa: Educação, Ensino e Pesquisa em Turismo; História, Memória, Patrimônio e Representações Culturais; Lazer, Cultura e Representações Sociais; Meio Ambiente, Ecologia, Ecoturismo e Turismo Sustentável; Políticas Públicas, Planejamento, Gestão e Desenvolvimento Local e

Regional; Tecnologias de Inovação Sócio Digitais em Educação e Turismo; Turismo de Base Comunitária, Sustentabilidade, Tecnologias Sociais e Economia Solidária.

O objetivo do grupo é produzir conhecimentos, produtos, processos, metodologias e serviços integrados através da construção de um espaço para pesquisar, debater, orientar, ensinar e fazer publicações sobre os diversos aspectos que estejam relacionados a temas concernentes ao estado da Bahia no que tange aos aspectos socioeconômicos, educacionais, culturais, ambientais, de estrutura e organização do espaço territorial, do turismo e turismo de base comunitária.

Entre os projetos do SSEETU destaque para o Turismo de Base Comunitária no Cabula e entorno (TBC Cabula). Esse projeto está fundamentado em princípios solidários e participativos, diferente da lógica do mercado e do segmento turístico tradicional e se efetiva pelo respeito às vocações e as práticas das comunidades onde atuam com vistas ao bem-estar e a geração de benefícios para a comunidade receptora no processo turístico como sujeito atuante considerando a melhoria da distribuição da renda, engajamento nos problemas sociais e ambientais, ampliação de acesso a políticas públicas, dentre outros ganhos que podem propiciar melhoria da qualidade de vida e resultar na formação de coletivos, cooperativas, empreendimentos comunitários, associações, enfim, iniciativas populares da ecossocioeconomia embasadas no protagonismo de gênero, geração e etnia sem perder de vista as heranças culturais e as tradições locais (TBC, 2018).

Em termos da produção de conhecimento científico da pesquisa em rede que vem se descortinando pelos grupos NEcos e SSEETU, destacam-se:

a) Produção conjunta de artigos com apoio das universidades a qual estão vinculados;
b) Editoria de um número especial da Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, volume 28, número 52, maio/ago/2018, do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB), no prelo;
c) Realização de atividades nos Encontros de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – palestra e apresentação de artigos, desde 2016;
d) Troca de experiências em hospedagem comunitária e a participação em roteiros turísticos alternativos, quando os pesquisadores de um grupo se deslocam para a região do outro grupo e podem vivenciar a realidade local, a cultura e outros aspectos;
e) Dissertação de mestrado: SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; SILVA, Francisca P. S.; PROCOPIUCK, Mário; PANHOCA, Luiz. Participação em banca de Luciane Cristina Ribeiro dos Santos, sob o título Gestão urbana na perspectiva da ecossocioeconomia:

análise dos arranjos institucionais para a governança do território do Cabula, Salvador - BA, 2016, pelo PPG em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná;

f) Projeto de Qualificação de doutorado: PROCOPIUCK, Mário; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce; Francisca P. S. Participação em banca de Simone Calistro Fortes, sob o título Ecossocioeconomia urbana no contexto do turismo de base comunitária: estudo da experiência TBC no Cabula e entorno, Salvador, Bahia, 2017, pelo PPG em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná;

g) Projeto de qualificação de doutorado da pesquisadora Maria de Fátima Araújo Frazão sob o título: Educação, Ecossocioeconomia e Desenvolvimento Local: ações formativas para ecossocioempreendedores do Antigo Quilombo do Cabula, em processo de qualificação, sob orientação da Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva e co-orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Cioce Sampaio.

Essas experiências colaborativas envolvem desafios significativos no que diz respeito a articulação e a disponibilidade para dedicar tempo e esforço em se produzir conhecimento científico, a identificação do pesquisador como parte do processo, abrir as portas e janelas do isolamento acadêmico para gerar sinergia resultante da variedade de recursos e competências, as principais vantagens que induzem a formação de redes de pesquisa (WEISZ; ROCO, 1996).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza teórico-empírica, com abordagem qualitativa e descritiva, por meio da pesquisa documental e a aplicação de entrevista semiestruturada com a escolha intencional de três pesquisadores que atuam em rede nos grupos de pesquisa NEcos e SSEETU no espaço temporal de três anos (2016-2018, tratando-se, portanto, de um estudo longitudinal, visando conhecer as motivações dos participantes.

Os pesquisadores foram entrevistados para que opinasse sobre a pesquisa em rede, indicassem como se deu a aproximação com grupos de pesquisa, a motivação para participar atuar na pesquisa em rede, os resultados obtidos e a percepção sobre a pesquisa em rede.

Dentre os fatores que contribuem para motivar a colaboração científica, foram selecionados aqueles pertinentes ao reconhecidos pelos participantes dessa pesquisa (LUUKONEN et al., 1992), produtividade e colaboração (KATZ; MARTIN, 1997); nível de especialização (PRICE, 1963) e compartilhamento de recursos (KATZ, 1994).

4 RESULTADOS

Neste artigo, a rede de pesquisa que vem se constituindo entre os grupos NEcos e SSEETU demonstra as possibilidades de se fortalecer e se consolidar por uma série de

elementos: o esforço em conjunto dos grupos em produção de artigos com apoio das universidades a qual estão vinculados, evidenciando a colaboração; o interesse em tema comuns às pesquisas e considerados fundamentais para o desenvolvimento da região onde os grupos estão sediados, tais como: ecossocioeconomia, desenvolvimento local sustentável, economia solidária, turismo de base comunitária, meio ambiente, metodologias participativas.

As motivações dos participantes são demonstradas nas narrativas obtidas nas entrevistas, duas dela com suporte tecnológico, uma delas pelo WhatszApp e a outra por e-mail. As narrativas dão pista destas motivações, conforme ilustradas na fala do Pesquisador 1, com relação a colaboração e compartilhamento de recursos:

> Minha experiência em pesquisa em rede deve-se ao fato de estar motivada a produzir coletivamente e acreditar na colaboração, compartilhamento de recursos. Integro o SSEETU e é recente minha participação. Penso que m*esmo que se constitua uma rede, um pesquisador assume a liderança. Às vezes percebo sentimentos compartilhados, angústia, alegria e criação de vínculos, confiança e outras possibilidades como estilos diferentes de escrita.* (PESQUISADOR 1, 04 de junho de 2018, grifo nosso).

Em termos de reconhecimento, produtividade e nível de especialização, observamos motivações presentes no depoimento do Pesquisador 2, conforme transcrito:

> Percebo reconhecimento dos meus pares pelo nível e a frequência de colaboração que vem se tornando bem mais acentuada desde 2017. O esforço tem sido grande e estou envolvida em produçao conjunta com o NEcoS e SSEETU; já produzi artigo e capítulo de livro com os grupos. *Sinto motivada a compartilhar conhecimento e apreensões, confiança e sentimento de pertencer aos grupos,. A cada dia, agrego mais conhecimentos e me especializo nos temas comuns que são pesquisados.* (PESQUISADOR 2, 20 de março de 2018, grifo nosso).

Com relação a produtividade e colaboração, o Pesquisador 3, destaca em sua fala essas motivações e os resultados obtidos nessa atuação em rede:

> A minha primeira aproximação com a pesquisa em rede se deu a partir da entrada no mestrado, conheci pessoas que me estimularam a participar de grupos de estudos – o NEcos e o SSEETU, uma experiência que me motiva a produção em rede de colaboração, *auxilia a troca de informações e disseminação de conhecimento*. Os resultados obtidos com a pesquisa em rede foram: produção de artigos científicos, capítulos de livros, organização de livros, participações em eventos e organização de eventos. Para quem tem interesse em produzir conhecimento é um indicador de produtividade. (PESQUISADOR 3, 13 de junho de 2018, grifo nosso)

5 CONCLUSÕES

Esse estudo de natureza qualitativa e exploratória procurou apresentar uma visão sobre as pesquisas em rede, na forma como se constituem e se articulam, as motivações para produzir conhecimento científico em colaboração. Essas motivações estão relacionada a vários fatores, a saber: otimização de recursos, reconhecimento pelos pares, ganho de

produtividade científica, colaboração, compartilhamento de recursos, propósitos comuns, esforço em conjunto no sentido de construção coletiva, dentre outros.

Com o objetivo de demonstrar a pesquisa em rede em contexto variado sobre conhecimento específico – a Ecossocioeconomia e o Turismo de Base Comunitária, realizou-se este estudo de natureza teórico-empírica, com abordagem qualitativa e descritiva no espaço temporal de 2017 a 2018, delimitado aos grupos de pesquisa NEcos e SSEETU.

As trilhas e percursos da experiência colaborativa da pesquisa em rede desenvolvida pelos grupos representa esforço obtido por meio do compartilhamento de informações, conhecimento e recursos humanos pelos pesquisadores, demonstra o fortalecimento do sentimento de pertencimento, respeito e confiança dos participantes por conta da motivação para produzir conhecimento científico e alcançar objetivos comuns, respeitadas as individualidades e a diversidade dos contextos em que atuam.

Os dados apresentados, bem como as considerações tecidas no presente artigo não tem um caráter conclusivo e genérico; sinalizam a importância de se ampliar a pesquisa em rede e fomentar o estudo sobre o tema. Trata-se de oportunidade e desafio para que se possa, entre outras questões, dialogar sobre a pesquisa em rede e construir teias de produção de conhecimento seja por se estabelecer nos grupos de pesquisa, produzir em coautorias, ou outras formas, e/ou se intensificar a atuação no decorrer do tempo.

Dessa forma, tal estudo demonstra aspectos da realidade social contemporânea que vem sendo investigados, suscitados pelo desenvolvimento de pesquisa em rede nos espaços de articulação e socialização de conhecimento, com compartilhamento de recursos e capacidades propositivas, organizados em suas ações para contribuir com a função social da ciência. Por fim, sugere-se propor uma política nacional de incentivo à colaboração científica com linhas de financiamento destinadas a este propósito.

REFERENCIAS

BALANCIERI, R. **Análise de redes de pesquisa em uma plataforma de gestão em ciência e tecnologia**: uma aplicação à Plataforma Lattes. 2004. 117 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?5621>. Acesso em: 5 jan. 2005.

BALANCIERI, Renato et al. **A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias da informação e da comunicação**: um estudo na plataforma Lattes. Ciências da Informação, Brasília, v. 34, n. 1, p. 64-77, jan./abr. 2005.

BEAVER, D. B.; ROSEN, R. Studies in scientific collaboration: part I – the professional origins of scientific co-authorship. **Scientometrics**, Amsterdam, v.1, n. 1, p. 65-84, 1978.

_____. Studies in scientific collaboration: part II – scientific coauthorship, research productivity and visibility in the French scientific elite 1799-1830. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 1, n. 2, p. 133-149, 1979.

CORIOLANO, Luzia (Org.). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003

CNPq. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. < Disponível em http://www.cnpq.br> Acesso em: 02 fev. 2018.

DGP. Diretório de Grupos de Pesquisa. Disponível em < http://lattes.cnpq.br/web/dgp/glossario/>. Acesso em 13 mai. 2018.

EXAME. Disponível em:<https://exame.abril.com.br/economia/15-paises-que-mais-investem-em-pesquisa-e-o-brasil-em-36o/>. Acesso em: 13 mai. 2018.

FRAME, J. D.; CARPENTER, M.P; International research collaboration. **Social Studies of Science**, v.9, p. 481-497, 1979.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. **Pesquisa em rede**: diálogos de formação em contexto coletivos de conhecimento. Fortaleza: EdUCE, 2018.

GLÄNZEL, W.; SCHUBERT, A. Analyzing scientific networks through co-authorship. In: GODECHOT, O.; MARIOT, N. Les deux formes du capital social: Structure relationnelle des jurys de thèses et recrutement en science politique. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v. 45, n. 2, p. 243-282, Jan. 2004.

GOFFMAN, William ; WARREN, Keneth S. **Scientific information system and the principle of selectivity**. New York: Praeger, 1980, p. 127.

IRVING, Marta. "Participação: questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento". In: IRVING, Marta; AZEVEDO, Júlia (Orgs.). **Turismo:** o Desafio da Sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002, p. 35-45.

KATZ, J. S.; MARTIN, B. R. What is research collaboration? **Research Policy**, Amsterdam, n. 26, p. 1-18, 1997.

KATZ, J. Sylvan. Geographical proximity and scientific collaboration. **Scientometrics***,* Amsterdam v. 31, n. 1, p. 31-43, 1994.

KODAMA, F. Technology fusion and the new R&D. **Harvard Business Review***,* p. 70-78, July/Aug. 1992.

LAWANI, S. M. Some bibliometric correlates of quality in scientifi c research. **Scientometrics**, Amsterdam v. 9, p. 325-342, 1986.

LEITE, D. Conhecimento em educação: um olhar desde o estudo sobre redes de pesquisa e colaboração ou os sapatos da educação. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v.19. N. 3, Sorocaba, Nov, 2014

LUUKKONEN, Terttu; PERSSON, Olle; SILVERTSEN, Gunnar. Understand patterns of international scientific collaboration. Science, Technology & Human Values. **Thousand Oaks**, v. 17, n. 1, Winter, 1992, p. 101-126.

NARIN, Francis; WHITLOW, Edith S. Measurement of scientifi c cooperation and coauthorship in CEC-Related areas of science. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 1990. **Report EUR** 12900, v. 1.

NECOS. Disponível em < http://ecossocioeconomiap.wixsite.com/necos > Acesso em: 06 jun. 2018.

PACHECO, C.A. **As reformas da política nacional de ciência, tecnologia e inovação no Brasil (1999-2002)**. Documento preparado para Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2003.

PRAVDIC, N.; OLUIC-VUKOVIC, V. Dual approach to multiple authorship in the study of collaborator/scientifi c output relationship. **Scientometrics**, Amsterdam v. 10, p. 259-280, 1986

PRICE, D. J. de S. **Litte science, big science**. New York: Columbia University, 1963

PRICE, Dereck J. de Solla; BEAVER, Donald, B. Collaboration in na invisible college. **American Psychologist**, v. 21, p. 1011-1018, 1996.

REVISTA FAPESP. Disponível em < http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/06/19/financiamento-em-crise/> Acesso em: 13 mai.2016.

SACHS, Ignacy. **Rumo à Ecossocioeconomia**: Teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez Editora, 2007. 472p.

SAMPAIO, C. A. C.; ALVES, F. K.; FALK, V. C. V. Arranjo socioprodutivo de base comunitária: interconectando o turismo comunitário com redes de comércio justo. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v. 10, nº 02. p. 244 – 262, mai/ago. 2008. Disponível em www.univali.br/revistaturismo>. Acesso em: 14 mar.2016.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Gestão que privilegia uma outra economia:** ecossocieconomia das organizações. Blumenau: Edifirb, 2010.

SANTOS, Luciane Cristina Ribeiro. SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. SILVA, Francisca de Paula Santos da. **Gestão urbana na perspectiva da ecossocioeconomia**: análise dos arranjos institucionais para a governança do território do Cabula, Salvador – BA. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana. Pontifícia universidade católica do Paraná. 2016, 177 p.

SILVA, F. P. S.; MATTA, A. E. R.; COIMBRA DE SÁ, N. **Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92, ago. 2016.

SOLLA PRICE, D. J. **O desenvolvimento da ciência: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976. 73 p.

SONNENWALD, D. H. Scientific Collaboration. **Annual Review of Information Science and Technology**, New York, v. 42, n. 1, p. 643-681, 2008.

STEFANIAK, B. Individual and multiple authorship of papers in chemistry and physics. **Scientometrics***,* Amsterdam v. 4, p. 331-337, 1982.

STORER, Norman W. The internationality of science and the nationality of scientists. **International Science Journal***,* v. 22, p. 87-104, 1970.

TBC. Disponível em < www.tbccabula.com.br > Acesso em 03 mai.2018.

VANZ, S.A.S. **As redes de colaboração científica no Brasil**: 2004-2006. Porto Alegre, 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VANZ, S. A. S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, p.42-55, maio. /ago. 2010. <http://www.brapci.inf.br/v/a/9065>. Acesso em: 02 fev. 2018.

WEIS, J.; ROCO, M.C. **Redes de pesquisa e educação em engenharias nas américas**. Rio de Janeiro: Finep. 1996.